

Sobre rios, romantismos e revisitações: “Lisbon Revisited (1926)”

No poema pessoano “Lisbon Revisited (1926)”, atribuído ao heterónimo Álvaro de Campos, o sujeito poético encontra-se à beira-rio. A sua revisitação da paisagem ribeirinha da sua juventude - “Lisboa e Tejo e tudo” - leva-o a contemplar a diferença entre aquilo que ele fora, num passado fugidio e impossível de recapturar, e aquilo que agora é. O poema enquadra-se numa longa série de poemas pessoanos sobre rios, bem como na tradição literária e filosófica da metáfora do rio.

O rio é uma metáfora por excelência para a própria vida, desde que o filósofo Heráclito (c. 540 a.C.) afirmou ser impossível entrarmos duas vezes no mesmo rio: as águas já não serão as mesmas, e nós também já não seremos os mesmos. É por isso que a metáfora do rio atravessa inúmeras meditações poéticas pela história da literatura abaixo, sendo um óptimo símbolo para a passagem inexorável do tempo, e mutabilidade, e o movimento entre o passado e o presente.

O *leitmotif* de “Lisbon Revisited (1926)” é o verso “outra vez te revejo”, que aparece pela primeira vez quase a meio do poema, e será repetido mais quatro vezes antes do seu fecho. Os ecos sucessivos de “outra vez te revejo” soam, assim, a passos cada vez menos espaçados entre si, numa espécie de crescendo musical.

Na sua primeira incidência, “Outra vez te revejo” traz um tom relativamente neutro, puxando para um ligeiro saudosismo e alguma angustia, associados ao passado que o sujeito poético descobre ser cada vez mais fugidio, cada vez mais difícil de visitar:

Outra vez te revejo,
Cidade da minha infância pavorosamente perdida...
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui...

O tom das palavras "outra vez de revejo " torna-se progressivamente mais melancólico, mais desesperado, cada vez que a expressão recorre:

Outra vez te revejo,

Com o coração mais longínquo, a alma menos minha.

Outra vez te revejo - Lisboa e Tejo e tudo -,
Transeunte inútil de ti e de mim

(...) Outra vez te revejo,
Sombra que passa através de sombras, e brilha
Um momento a uma luz fúnebre desconhecida

(...) Outra vez te revejo,
Mas, ai, a mim não me revejo!

“Outra vez te revejo” parece-me ser um eco inconfundível - ou seja, consciente e deliberado - de uma expressão que recorre num dos poemas mais célebres de William Wordsworth, poeta romântico inglês que Pessoa admirava. Trata-se do poema “Tintern Abbey” (d 1798), que muitos críticos consideram ter inaugurado o alto romantismo na Grã Bretanha.

Não quero ser demasiadamente literal, ou insistente, na correspondência que vou agora apontar de “Lisbon Revisited (1926)” com o poema “Tintern Abbey”. É claro que toda a poesia, de todas as línguas, está cheia de outras vozes revisitadas. Mas espero conseguir convencer-vos que as convergências são significativas, dado que Wordsworth foi uma influência importante para Pessoa, tanto através da sua teoria estética, descrita no Prefácio para a segunda edição da antologia poética que redigiu com o seu amigo Samuel Taylor Coleridge, *Lyrical Ballads* (1800), quanto através da sua prática poética. Escrevi sobre a influência teórica de Wordsworth no pensamento de Pessoa num artigo que deve sair em breve. E existe a glosa demonstrável da “Solitary Reaper” de Wordsworth no poema ortónimo pessoano “Ela canta, pobre ceifeira”, já estudada por George Monteiro, Anna Klobucka e António Feijó, entre outros.¹ Por todas estas razões, penso que o impacto do poema poema “Tintern Abbey” no poema “Lisbon Revisited (1926)” é digno de especial

¹ Ver, por exemplo, McGuirk (1988) e Feijó (1996).

atenção. Pessoa escreve sobre o poema de Wordsworth com entusiasmo e admiração em vários textos.²

Na primeira estrofe de “Tintern Abbey”, o sujeito poético afirma que passaram cinco anos desde a sua primeira visita ao local onde agora novamente se encontra, cinco anos desde que sentiu pela primeira vez a paz da paisagem rústica, embalado pelo murmúrio reconfortante das águas do rio. Recita os objectos naturais que agora revê, descrevendo o efeito que eles têm sobre ele:

Five years have passed; five summers, with the length
Of five long winters! and *again I hear*
These waters, rolling from their mountain-springs
With a sweet inland murmur. - *Once again*
Do I behold these steep and lofty cliffs,
Which on a wild secluded scene impress
Thoughts of more deep seclusion; and connect
The landscape with the quiet of the sky.
The day is come when *I again repose*
Here, under this dark sycamore, and view
These plots of cottage-ground, these orchard-tufts,
Which, at this season, with their unripe fruits,
Among the woods and copses lose themselves,
Nor, with their green and simple hue, disturb
The wild green landscape. *Once again I see*
These hedge-rows, hardly hedge-rows, little lines
Of sportive wood run wild [...]

Coloquei em itálico a expressão que recorre nestes versos, em versões ligeiramente alteradas, mas todas elas reminiscentes do “outra vez te revejo” de “Lisbon Revisited (1926)”: “Again I hear”; “once again do I behold”; “I again repose here” e, sobretudo, “Once again I see”. (Na sua tradução de “Lisbon Revisited (1926)” para *A Little Larger than the*

² Pessoa escreve num texto que “a Alemanha nunca poderá ter um poeta dramático como Shakespeare nem um poeta filósofo como Wordsworth.” (Pessoa, 1966: 298). Noutra, afirma que no poema “Tintern Abbey” “it seems that a sincere faith does make itself visible in poetry.” (Pessoa, 1966: 334.)

Entire Universe, Richard Zenith traduz o verso “outra vez te revejo” como “once more I see you”, mas “once again I see you” seria igualmente apropriado).

Da primeira estrofe em diante, “Tintern Abbey” torna-se numa meditação pessoal, interior, à medida em que o sujeito poético toma o lugar da paisagem como objecto de interesse e análise. Finalmente, o poema será uma revisitação inteiramente introvertida, inteiramente pessoal, preocupada apenas com a identidade do próprio poeta:

And now, with gleams of half-extinguished thought,
With many recognitions dim and faint,
And somewhat of a sad perplexity,
The picture of my mind revives again.

Como explica o crítico Jerome McGann, neste último verso o poema transforma a imagem do convento em ruínas, projectada na mente do sujeito poético, no retrato dessa mesma mente: “[the poem] has replaced what might have been a picture *in* the mind (of a ruined abbey) with a picture *of* the mind”.

O movimento em “Tintern Abbey”, de uma descrição da paisagem ribeirinha para uma análise da paisagem interior do próprio sujeito poético, é um exemplo da surpreendente modernidade do poeta geralmente considerado como sendo o romântico paradigmático. Coleridge louvara, de forma maravilhosamente precoce, como a filosofia de auto-consciência, em Wordsworth, descobre a origem do conhecimento e da estética na mente do poeta, em vez de no mundo exterior. Poucos anos mais tarde, John Keats também escreveria, se bem que com menos entusiasmo, do sublime egoísmo de Wordsworth (“egotistical sublime”), ou seja, da sua tendência a absorver e interiorizar tudo ao seu redor.³ Os poetas modernistas, como Pessoa, viriam a aceitar e celebrar aquilo que Wordsworth propusera em poemas como “Tintern Abbey”: que nós não vemos o mundo como ele realmente é, mas sim como nós somos no momento em que olhamos para ele.

A revisitação poética de Álvaro de Campos também o leva a refletir sobre a paisagem e sobre si próprio, mas sobretudo sobre si próprio. “Lisbon Revisited (1926)” começa com um

³ Nesta carta a Richard Woodhouse, de 27 de Outubro de 1818, Keats compara esta característica, de forma negativa, à capacidade do poeta-camaleão (representado por Shakespeare) de descartar a sua própria identidade, ou seja, de se despersonalizar por inteiro. Tenho um artigo sobre Pessoa e Keats no próximo número da revista *Portuguese Literary and Cultural Studies* (1914).

ótimo exemplo do sublime egoísmo wordsworthiano, pois o sujeito poético mergulha de imediato no abismo da sua própria mente:

Nada me prende a nada.
Quero cinquenta coisas ao mesmo tempo.
Anseio com uma angústia de fome de carne
O que não sei que seja —
Definidamente pelo indefinido...
Durmo irrequieto, e vivo num sonhar irrequieto
De quem dorme irrequieto, metade a sonhar.

No seu poema ribeirinho anterior, “Lisbon Revisited (1923)”, é ainda mais evidente que aquilo que o sujeito poético medita é exclusivamente si próprio:

Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Interessantemente, o mesmo se aplica a quase todos os poemas pessoais sobre rios: no poema ortónimo que começa “Na ribeira deste rio”, por exemplo, lemos: “Vou vendo e vou meditando, / Não bem no rio que passa / Mas só no que estou pensando”.

Em suma, os poetas românticos, como Wordsworth, começam por observar a natureza, o que os leva a voltar o seu olhar para dentro; os poetas modernistas, como Pessoa, observam-se a si próprios a observarem a natureza, o que os leva a observarem a si próprios a observarem a si próprios, numa espiral descendente e niilista que leva à alienação total: “Já disse que sou sozinho!”, berra Campos no primeiro “Lisbon Revisited (1923)”. No segundo “Lisbon Revisited”, quando finalmente olha à sua volta, num movimento inverso ao do do poema de Wordsworth, para descrever a paisagem ribeirinha que supostamente gerou a sua auto-reflexão inicial, perde-se por inteiro: “A mim não me revejo!”.

Para complicar o assunto, a alienação de Campos é igualmente uma condição fundamental do seu estatuto enquanto heterónimo. Todos os heterónimos são fantasmas, sendo todos sombras de Fernando Pessoa, o seu criador; as suas existências de mortos-vivos faz parte das suas identidades à nascença. Mas os nossos passados, aquilo que outrora fomos (mesmo que nunca tivéssemos tido um passado, como no caso dos heterónimos), são

igualmente espectros que assombram os nossos dias, como os dois poemas “Lisbon Revisited” tão bem revelam.

Esta ideia vem maravilhosamente representada na parte final de “Lisbon Revisited (1926)”, na imagem do sujeito poético como fantasma, errando em salas de recordações, o que é precisamente o que faz do início ao fim do poema:

Fantasma a errar em salas de recordações,
Ao ruído dos ratos e das tábuas que rangem
No castelo maldito de ter que viver...

Interessantemente, há referências em quase todos os poemas de Pessoa sobre rios ao sujeito poético como sendo um fantasma, ou uma sombra. (Implicação: fantasma daquilo que outrora fora, sombra do seu próprio passado). Há muitas alusões à morte, o país que os fantasmas habitam: no primeiro “Lisbon Revisited”, de 1923, Campos afirma que “A única conclusão é morrer.” E há muitas ainda referências aos sonhos, porque dormir é o parente mais próximo da morte na terra dos vivos (pensem no mais célebre discurso de Hamlet).

Voltando ao fantasma que nos aparece no final de "Lisbon Revisited (1926)", quero agora tentar desvendar ainda mais a sua complexa identidade múltipla.

O título completo de “Tintern Abbey” é:

Lines Composed a Few Miles above Tintern Abbey, on Revisiting the Banks of the Wye during a Tour. July 13, 1798.

Pessoa também emprega a palavra “revisited” no título, em inglês, do poema de Campos, e adiciona-lhe uma data a seguir: 1926. Para além disso, ele data o poema 26 de Abril de 1926. A primeira chave para a minha revisitação de “Lisbon Revisited (1926)” é o poema “Tintern Abbey”; a segunda é esta data que Pessoa lhe deu.

“Lisbon Revisited (1926)” é um de apenas dois poemas aos quais Pessoa atribuiu a data específica de 26 de Abril de 1926 - o dia exacto do décimo aniversário do suicídio de Mário

de Sá-Carneiro.⁴ (O outro é o poema de Álvaro de Campos “Se te queres matar, porque não te queres matar?”, que acredito ser uma resposta poética a Hamlet, também em forma de homenagem poética a Sá-Carneiro, como tentei mostrar no último Congresso Internacional; vejam por favor o meu artigo com o mesmo título, na Revista Pessoa). A minha sugestão, agora, é que Sá-Carneiro fará parte do “tu” colectivo de “outra vez te revejo”, o *leitmotif* recorrente do poema.

Como vimos, o “tu” de “outra vez te revejo” é, ostensivamente, a paisagem ribeirinha do Tejo a correr pela cidade: “Outra vez te revejo - Lisboa e Tejo e tudo -”. Mas esse “tudo” é ambíguo e abrangente, assim como o amálgama de espectros que aparece na parte final do poema.

Vimos que o sujeito poético refere-se a si próprio como sendo um fantasma que erra em salas de recordações, e que esse fantasma representa a sua condição actual, bem como a condição de Álvaro de Campos enquanto heterónimo, e simboliza a sua incapacidade de visitar o seu passado pavorosamente perdido de forma satisfatória. Mais adiante, o fantasma regressa na forma de uma sombra:

Sombra que passa através de sombras, e brilha
Um momento a uma luz fúnebre desconhecida,
E entra na noite como um rastro de barco se perde
Na água que deixa de se ouvir...

A sombra que passa através de sombras, brilhando um momento a uma luz fúnebre desconhecida, antes de desaparecer nas águas silenciosas do rio, é igualmente uma imagem para o sujeito poético, e pelos mesmos motivos. Mas a ideia de uma sombra que passa através de sombras, enquanto que outro fantasma permanece preso no maldito castelo de ter de viver, é igualmente apropriada como a imagem de um querido amigo, precocemente partido: "sombra" que "entra na noite". A noite é uma metáfora por excelência para a morte, usada vezes sem conta na poesia, como por exemplo no célebre poema de Dylan Thomas que começa "Do not go gentle into that good night".

Quanto da presença de Sá-Carneiro pode ser sentida nestes versos é discutível, mas acredito que a sua memória percorre o poema como um todo, estando, no mínimo (e já é

⁴ Devo esta informação a Richard Zenith.

muito) presente na data que Pessoa lhe deu. (Pessoa tende a atribuir datas fictícias aos seus poucos poemas datados, o que torna esta data ainda mais importante.)

Perto do final de “Tintern Abbey”, o sujeito poético descreve uma querida amiga, no caso a irmã de Wordsworth, Dorothy, que está ao seu lado, literalmente, quando ele olha para a paisagem ribeirinha:

For thou art with me, here, upon the banks
Of this fair river; thou, my dearest Friend,
My dear, dear Friend, (...)
(...) My dear, dear Sister!

Transpondo a querida amiga de Wordsworth para um plano metafórico, sugiro então que Pessoa se serve do fantasma Álvaro de Campos para visitar o fantasma do seu querido amigo Sá-Carneiro, como já o fizera no poema "Opiário", este explicitamente dedicado "Ao Senhor Mário de Sá-Carneiro", e ainda - e eu não podia estar mais convencida disto - no poema "Se te queres matar, porque não te queres matar?" Se aceitarmos que Sá-Carneiro realmente faz parte do parte do passado espectral que o sujeito poético procura visitar em “Lisbon Revisited (1926)”, sendo parte colectiva do “tu” de “outra vez te revejo”, parte colectiva do “tudo” de “Lisboa e Tejo e tudo” - parte, em suma, de um passado mais inocente, quando, como Campos dirá no poema “Aniversário” (1929), “Eu era feliz e ninguém estava morto”, parte de um passado "pavorosamente perdido" - isto ajuda-nos a fazer mais sentido da enorme carga emotiva que atravessa todo o poema, atingindo um ápice de ternura e desespero no seu fecho:

Outra vez te revejo,
Mas, ai, a mim não me revejo!
Partiu-se o espelho mágico em que me revia idêntico,
E em cada fragmento fatídico vejo só um bocado de mim —
Um bocado de ti e de mim!...

Estes versos fazem-me mais sentido se Sá-Carneiro fizer parte do "bocado de ti". Mais deixo a proposta à vossa consideração.

O que é facto é que a revisitação poética que Pessoa faz, em “Lisbon Revisited (1926)”, da mais célebre revisitação ribeirinha romântica de Wordsworth, “Tintern Abbey”, é inteiramente característica da sua atitude perante as suas influências mais marcantes. O poema é, assim, mais um bom exemplo pessoano daquilo que disse T. S. Eliot: que os maiores poetas transformam as suas fontes em algo melhor, ou, pelo menos, em algo diferente. E espero ter conseguido mostrar que desvendar a maneira como Pessoa trabalha e transforma as suas fontes inglesas pode levar a leituras revisitadas até mesmo dos seus poemas mais emblemáticos.

Bibliografia

Monteiro, George. “Speech, Song, and Place: Wordsworth”. *Fernando Pessoa and Nineteenth-century Anglo-American Literature*. Lexington, The University Press of Kentucky, 2000. 13-40.

Feijó, António M. “A constituição dos heterónimos. 1. Caeiro e a correcção de Wordsworth”. *Colóquio-Letras* 140-141 (Abril-Agosto 1996): 48-60.

Pessoa, Fernando. *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*. Ed. Georg Rudolf Lind and Jacinto do Prado Coelho. Lisbon, Ática, 1966.